

## Comunismo (I)

Como doutrina, é obra de Karl Marx (1818/1883), tendo cabido a Lenine (pseudônimo adotado na clandestinidade, por nascimento: Vladmir Ilitch Ulianov; 1870/1924) dar-lhe uma configuração prática.

Originariamente, na Alemanha, Marx está vinculado a um grupo filosófico, a denominada “esquerda hegeliana”, que acreditava na possibilidade de uma sociedade racional, isto é, da qual fossem banidas a guerra, a exploração econômica, a pobreza e os demais defeitos que eram atribuídos à sociedade existente, ao invés de reconhecerem que a obra humana --embora passível de sucessivo aprimoramento--, jamais será perfeita. A nova ordem social foi denominada de **comunismo**. A esquerda hegeliana achava-se dividida no que respeita à definição de quem poderia implantá-la

Posteriormente, em decorrência de sua permanência na França e do contato com os socialistas franceses, Marx adquiriu a convicção de que o movimento operário em formação poderia tornar-se o instrumento daquela experiência redentora. Expressa essa idéia no **Manifesto Comunista** (1848). Considerando o sucesso que veio a alcançar e a importância que lhe tem sido atribuída na história mundial subsequente, é um documento relativamente pequeno porquanto tem trinta páginas, o que de todos os modos seria excessivo para um “manifesto”. Acredita-se que somente a Bíblia teria alcançado maior difusão no Ocidente.

A afirmativa inicial é a de que o espectro do comunismo rondava a Europa, provocando a reação de todas as potências, desde o Papa ao Czar, passando pelos liberais e conservadores, sendo necessário que “os próprios comunistas expliquem suas idéias, seus fins, suas tendências, opondo à lenda do comunismo um manifesto do próprio partido”.

Avança a tese de que a história de toda a sociedade “tem sido a história das lutas de classes”. Atribui a maior importância ao surgimento da burguesia, sobretudo por haver socializado o processo produtivo. Essa tese será associada à hipótese de que seria incompatível com a posse privada dos meios de produção.

A par disto, a burguesia deu nascimento ao proletariado, destinado historicamente a completar o processo, isto é, tornar racional a sociedade.

A expansão da indústria facilita a organização de sindicatos mas estes produzem sucessos imediatos e fugazes. A tarefa de libertar os proletários caberá aos comunistas, que estão de posse de uma doutrina científica. Estes serão capazes de eliminar a propriedade privada, de que resultará a abolição de todas as mazelas existentes na sociedade burguesa.

Formula um projeto de estatização da economia, entendida como a centralização de tudo em mãos do Estado (crédito, meios de comunicação, transportes, etc.). É mais “trabalho obrigatório para todos: estabelecimento de exércitos industriais, especialmente para a agricultura”.

Deste modo, o programa comunista contém modelo de sociedade baseada no **poder total do Estado**, de onde acabaria provindo a denominação atribuída à experiência soviética. Apóia-se nesta hipótese: “o poder político propriamente dito é o poder organizado de uma classe para oprimir a outra. O proletariado, contudo, ao destruir as classes, extingue a própria dominação de classes”.

Nos anos subsequentes ao lançamento do **Manifesto Comunista**, Marx ocupou-se de criar uma organização internacional que pudesse difundir a idéia comunista, propósito de que acabaria desistindo. As organizações políticas que se formaram estavam optando pelo socialismo. Deste modo, desenvolve sobretudo atividade teórica. Esta consistiu, de

um lado, em tentar demonstrar a tese de que estaria de posse de uma doutrina científica, isto é, de validade universal, em especial no livro **O capital**, que não chegaria a concluir. De outro, em desenvolver uma crítica sistemática à propensão das organizações socialistas, em formação, de aprender a coexistir com a ordem capitalista. Sobressai, nessa obra crítica, a elaboração da doutrina marxista do Estado, que se encontra, de modo acabado, no texto que intitulou de *Crítica ao Programa de Gotha*.

O Programa de Gotha é o documento aprovado no Congresso que teve lugar na cidade assim denominada, em 1875, no qual os dois principais partidos operários alemães resolvem fundir-se para dar lugar ao Partido Social Democrata, que sobrevive até hoje. Ao se dispor a criticar tal documento, Marx leva em conta que não se inspirou nos princípios da Internacional Comunista, de cuja organização vinha se ocupando, em vias de dissolução. A inspiração do programa provinha da obra de Ferdinand Lassalle (1825/1864), ao qual se atribui a circunstância de que o socialismo haja reconhecido o significado do chamado processo de democratização do governo representativo. Embora o próprio Lassalle não haja presenciado o desfecho, que de certa forma intuía, os grandes beneficiários da extensão do sufrágio seriam justamente os partidos ligados ao movimento operário.

Esquemáticamente, a posição plenamente amadurecida de Marx, que se considera esteja contida no documento em causa, poderia ser apresentada como segue:

1º) O Estado corresponde à violência organizada ao serviço de uma classe para exercer o poder político. Essa característica não desaparecerá com a tomada do poder pela agremiação dirigente do proletariado. O eventual auto-aniquilamento do Estado somente poderá ocorrer após a completa destruição das relações de produção capitalistas.

2º) Há duas formas claras de encarar a democracia burguesa, definida sobretudo pelo sufrágio universal segundo o modo pelo qual era caracterizado na época. A primeira consiste em encará-la como a forma definitiva (Marx usa a expressão **reino milenar**) de convivência social. Esse entendimento é denominado pejorativamente de "litania democrática" ou "democracia vulgar". Conformar-se a esse nível reivindicatório seria colocar-se no mesmo plano dos socialistas franceses.

3º) Marx considera que será justamente sob essa última forma de Estado da sociedade burguesa onde a luta de classes, conforme o diz textualmente no documento ora considerado, "irá se manifestar definitivamente pela força das armas". Em tal circunstância, como afirmara reiteradamente, as oportunidades facultadas pela democracia burguesa deverão ser utilizadas para elevar o nível de consciência de classe e de organização do proletariado.

4º) Ali onde ocorra a presença de Estado despótico – sendo a Prússia tomada como exemplo –, não se pode acalentar a ilusão de sequer as prerrogativas democráticas burguesas possam ser alcançadas por meios legais. Marx não viveu o suficiente para presenciar o desmentido de tal prognóstico, porquanto ocorreria em 1890, sete anos após a sua morte., quando o Partido criticado obtém expressivo resultado eleitoral.

Do que precede, vê-se claramente que a dúvida, suscitada por alguns estudiosos, sobre se proviria do próprio Marx o caráter totalitário assumido pelo comunismo soviético é completamente desprovida de sentido. Desde o Manifesto, o seu projeto de organização da sociedade é francamente totalitário.

## Saiba mais

### A crítica de Bernstein às principais teses de Marx

Considera-se que a crítica em apreço haja assumido, historicamente, a maior relevância. Em especial pelo fato de que seja proveniente do próprio círculo de dirigentes que se considerava marxista, além do mais, alemães, como o próprio Marx. Sua intenção consistia em dar atenção ao curso histórico e sequer pretendia que a doutrina passasse a ter outra denominação.

Edward Bernstein (1850/1932) nasceu em Berlim e ingressou muito jovem, aos 22 anos, no Partido Social Democrata. Devido à vigência das leis anti-socialistas, sob Bismarck, emigrou para a Suíça, onde se tornou o responsável pela revista teórica da social democracia, ali editada. Em 1888, seria forçado a emigrar para Londres, onde permaneceu até 1901. Na capital britânica mantinha estreito contato com Friedrich Engels (1820/1895), principal colaborador de Marx, que se incumbiu de por ordem e editar a obra do mestre, após sua morte.

Bernstein apresentava suas idéias em forma de artigos, inclusive na revista editada por Karl Kautsky (1854/1938), durante largo período presidente da Segunda Internacional. O primeiro livro em que sistematiza sua crítica ao marxismo apareceu em 1901 e tinha por título *As premissas do socialismo e as tarefas da social democracia*.

A crítica de Bernstein é suficientemente ampla e diz respeito a vários aspectos do marxismo. Contudo o mais relevante é que se haja detido no exame das crises cíclicas do capitalismo para concluir que aos sociais democratas não cabia esperar por uma catástrofe que criasse premissas revolucionárias capazes de levá-los ao poder. Competia à social democracia seguir o caminho parlamentar, promover alianças com outras agremiações e formular um programa de reformas que assegurasse a melhoria da situação da classe trabalhadora.

Embora a prática da social democracia seguisse esse caminho, a linha reformista proposta por Bernstein foi condenada no Congresso do PSD de 1903. Essa condenação não impediu que os sociais democratas seguissem o franco caminho reformista e que os sindicatos, sob sua liderança, abandonassem a fraseologia revolucionária e tratassem de obter acordos vantajosos para seus filiados.

De modo que, embora a análise do marxismo, efetivada por Bernstein, revista-se de grande amplitude, a sua contribuição fundamental é no sentido de atribuir o devido relevo à atuação parlamentar. Graças à sua grande competência é que esse caminho não se revestiu do caráter de simples pragmatismo, alcançando o merecido *status* teórico. Somente no Congresso do Partido Social Democrata Alemão de 1921 (o chamado Programa de Gorlitz) é que as idéias de Bernstein são consagradas. Por fim, em 1959, com o Programa de Bad Godsberg, a social democracia alemã assume feição própria, renunciando à utopia socialista e desistindo de todo empenho de salvar o marxismo.

A par da atividade teórica Bernstein foi deputado ao *Reichstag* de 1903 a 1906, de 1912 a 1918 e de 1920 a 1928. Faleceu em 1932, aos 82 anos de idade.

Nesta oportunidade, vamos nos limitar a considerar a sua tese de que não pode haver socialismo científico --que, segundo Marx, representava a diferença do marxismo em relação às doutrinas socialistas, por ele batizadas pejorativamente de “utópicas”-- , e, em seguida a crítica à idéia de ditadura do proletariado

O texto em que examina a primeira questão apareceu com o título em forma interrogativa: *É possível o socialismo científico?* (Berlim, 1901).

Bernstein começa por indicar que não só Marx e Engels pretendiam que seu socialismo tivesse bases científicas. O mesmo aspiravam muitos outros inclusive aqueles aos quais denominaram de socialistas utópicos. Também os críticos de Marx do mesmo período viram sua doutrina como simples utopia. De todos os modos, não pairam dúvidas de que Marx e Engels acreditavam na possibilidade do socialismo científico.

Para Bernstein não basta constatar que muitas das teses ditas científicas se tenham revelado falsas. Enumera-as a começar da hipótese de que o socialismo seguir-se-ia necessariamente a uma catástrofe que afetaria o capitalismo. Escreve a este propósito: "Toda experiência histórica e também muitos fenômenos do tempo presente testemunham que o modo capitalista de produção é tão passageiro como qualquer outro modo de produção anterior. Mas o que aqui devemos elucidar é se o seu final será uma catástrofe, se se deve esperar que esta ocorra num futuro próximo e se conduzirá *necessariamente* ao socialismo. As respostas dadas a esta pergunta - ou perguntas - de parte dos socialistas diferem não pouco entre si. Outras hipóteses que não mais se aceitam: a idéia da pauperização crescente da classe trabalhadora; a do paralelismo entre o desenvolvimento da indústria e da agricultura; da fusão da classe capitalista; do desaparecimento das diferenças entre as ocupações toda uma lista de teses que passavam por estar cientificamente demonstradas, e todas elas resultaram ser falsas; bem, não exageremos, e digamos que se revelaram *verdades parciais*".

Em que pese essa situação no tocante à teoria, os partidos socialistas alcançam êxitos expressivos, aproximam-se cada vez mais da consecução das metas que se têm proposto, ao mesmo tempo em que formulam com clareza crescente as suas reivindicações. Paralelamente, o que está se apoderando dos representantes teóricos do socialismo, em lugar de segurança, é dúvida e confusão. Nesse contexto - e como um aspecto é obstáculo ao outro resulta absolutamente lógico que surja a pergunta se existe verdadeiramente um nexos intrínseco entre socialismo e ciência, se é possível um *socialismo científico* ou ainda se é necessário.

Primeiro que tudo devemos "esclarecer o que entendemos, em verdade, por socialismo quando falamos de uma vinculação do mesmo com a ciência, para logo passar à questão de se é possível um socialismo científico e em que consiste."

No entendimento de Bernstein a raiz que denota o sentido do socialismo é *socius* (sócio, cooperador, de onde deriva associação cooperativa) e não de *societas* (sociedade). Social, no sentido derivado de sociedade, pode ser muitas coisas. Vincular o socialismo a essa idéia é distanciá-lo das aspirações dos partidos socialistas operários. Ao mesmo tempo, não há nenhuma de suas reivindicações que não possa ser abarcada nos marcos conceituais do associativo. O socialismo é pois um *movimento em busca da associação cooperativa*.

O socialismo moderno é produto da luta de classes, existente na sociedade entre possuidores e despossuídos, entre burgueses e assalariados. A luta de classes é uma luta de interesses. E ainda que pressuponha um conhecimento bastante avançado da realidade social, trata-se de uma luta em que estão em jogo os interesses de uma classe ou de um partido e não umas quantas proposições teóricas. E somente se considera estas últimas quando associadas àqueles interesses.

Objetiva-se a transformação da ordem social capitalista numa economia regulada coletivamente. E acrescenta: “A meta não é, entretanto, um fato simplesmente determinado de antemão pela teoria, cuja realização se espera que ocorra de modo mais ou menos fatalista, senão que se trata predominantemente de meta desejada, ou seja, pela qual se luta. É claro que na medida em que se fixa esta imagem futura como meta e na medida também em que faz depender sua atuação presente da mencionada meta, o socialismo tem necessariamente algo de utopia. Ao dizê-lo não quero significar que aspira a algo impossível ou improvável, mas apenas indicar que leva em si uma certa porção de idealismo especulativo, que contém um elemento não demonstrado cientificamente, ou que não é cientificamente verificável. A ciência aqui em questão, a sociologia, não pode prever com a mesma segurança com que as ciências exatas podem prognosticar determinados fenômenos, se inevitavelmente se tornará realidade um dia a forma de sociedade a que aspira o socialismo. O único que pode estabelecer são condições que poderiam levar à sua realização e calcular aproximadamente seu grau de possibilidade.”

Bernstein explicita que não se trata de um defeito inerente ao socialismo mas de uma limitação da própria ciência social. Confronta a doutrina marxista com a daqueles socialistas que foram chamados de *utópicos* (Owen, Saint-Simon e Fourier) e mostra como na verdade não se distinguem no tocante ao caráter do ideal acalentado.

A liderança social democrata procura naturalmente acompanhar os fenômenos sociais com o rigor próprio das análises científicas. Contudo, afirma: “O título de socialismo científico incita a pensar que o socialismo, como teoria, quer e deve ser pura ciência. Esta idéia é não somente errada como envolve também um grande perigo para o socialismo. Pois se presta facilmente a roubar-lhe aquilo que precisamente constitui um dos requisitos principais do juízo científico: a *imparcialidade científica*.” Envolve portanto grave risco de dogmatismo porquanto pode vir a ser considerado, a partir de dado momento, como cientificamente concluído. O nome mais adequado seria, a seu ver, o de socialismo crítico para aproximá-lo do criticismo kantiano. Conclui do seguinte modo: “A ciência é neutra, enquanto conhecimento do real não é propriedade de nenhum partido nem de nenhuma classe. O socialismo, pelo contrário, é tendência e, por sua condição de doutrina de um partido que luta pelo novo, não pode ater-se, sem mais, ao já constatado. Mas porque a meta que se propõe alcançar está em consonância com o desenvolvimento social, tal como se põe de manifesto pela exploração científica das forças motrizes da sociedade moderna, a doutrina socialista é mais capaz, que qualquer outra, a satisfazer às exigências do método científico, é mais capaz o partido do socialismo, a social democracia, que qualquer outro de adequar seus fins e reivindicações aos ensinamentos e exigências da ciência que para ele vêm ao caso. Quisera acabar sintetizando as minhas idéias do seguinte modo: o emprego pelo socialismo do método científico é tão possível, como necessário, isto é, tanto quanto sensatamente se pode exigir da doutrina de um movimento que aspira fazer algo radicalmente novo.”

No que se refere ao repúdio à idéia de ditadura do proletariado, Bernstein destaca o fato de não se ter verificado, como imaginava Marx, a concentração do poder político em mãos da elite representativa do grande capital. A própria experiência do Partido Social Democrata Alemão vinha em reforço de sua tese.

A democratização progressiva das instituições políticas corresponde ao instrumento adequado à realização do programa da social democracia. Ainda mais: o socialismo somente pode realizar-se de modo autêntico nos marcos do sistema democrático-representativo.

Bernstein classifica a idéia da *ditadura do proletariado* como *atavismo político*, pertencente a um nível de civilização mais atrasado. A transição da sociedade capitalista à socialista não tem porque fazer-se de forma revolucionária. Com antecipação de algumas décadas do que ocorreu na Rússia, vaticinou que a ditadura do proletariado, onde a classe operária não dispõe todavia de organizações autônomas de caráter reivindicativo muito fortes e não haja alcançado alto grau de autonomia espiritual, deverá consistir numa ditadura dos oradores de clubes ou dos literatos. A defesa expressa da ditadura do proletariado, por Lenine, explicitando ainda que seria exercida pelo partido, em nome do proletariado, e por um líder reconhecido, em nome do partido, levou a uma das ditaduras mais sanguinárias conhecidas pela história. De sorte que a veemência de Bernstein no combate a essa idéia acabou plenamente justificada.

Mais tarde, após a Revolução Russa, o combate à tese considerada, passa a ser efetivada por Kautsky. Graças a isto, mereceria ser denominado, por Lenine, de “Renegado Kautsky”. Desde então, o termo “renegado” --de inspiração nitidamente religiosa-- tornar-se-ia o grande anátema com que os comunistas iriam investir contra as sucessivas gerações de dissidentes.

Além de haver vinculado, em definitivo o ideal socialista ao aprimoramento do sistema democrático-representativo, Bernstein procedeu à reavaliação do significado histórico do liberalismo, tendo a esse propósito afirmado o seguinte: “No que respeita ao liberalismo como movimento histórico universal o socialismo é seu herdeiro legítimo, não apenas do ponto de vista cronológico como também do ponto de vista do conteúdo social.” Bateu-se sempre por uma aliança entre sociais democratas e liberais, que de certa forma foi alcançado quando se tratou da sustentação da República de Weimar.